

## SIMPÓSIO AT036

### A INFÂNCIA NAS CANÇÕES DE CHICO BUARQUE: INFORTÚNIOS, POBREZA E ABANDONO

CAVALCANTI, Luciano Moarcos Dias  
Universidade Vale do Rio Verde  
prof.luciano.cavalcanti@unincor.edu.br

**Resumo:** O cancionero de Chico Buarque apresenta um número considerável de canções que tratam do universo infantil, material ainda pouco estudado de maneira sistemática pela fortuna crítica do compositor. Além de suas composições musicais, o autor chegou, nos anos 1970, a adaptar *Os Saltimbancos*, musical de Sérgio Bardotti e Luis Enríquez Bacalov, inspirado em *Os músicos de Bremen*, dos irmãos Grimm; escreveu um livro destinado ao público infantil *Chapeuzinho Amarelo*, referência direta ao conto de fadas *Chapeuzinho vermelho*. Compôs também, junto com Edu Lobo, o musical infantil *O grande circo místico*, baseado no poema homônimo de Jorge de Lima. No âmbito de seu repertório musical, que nos interessa em particular, é possível, em muitas de suas composições, vislumbrar o universo infantil em duas proposições frequentes. No primeiro caso, há uma forte marca do universo da fantasia e do sonho, no qual a infância é vista como um *locus amoenus*, uma espécie de paraíso perdido. Como podemos ver, por exemplo, nas canções “Até pensei”; “João e Maria”; “Maninha”; “Doze anos”; “Massarandupió”. Em contraste à esta proposição, nota-se na obra do compositor a presença da infância por meio de suas adversidades e violência. Como podemos ver em canções como: “Pivete”; “O meu guri”; “Minha história”; “Brejo da cruz” e “Carioca”. Nesta comunicação, deteremos nossos esforços nas análises das canções pertencentes a esta segunda proposição, no sentido de aclarar como Chico Buarque representa o mundo infantil em seus infortúnios: a pobreza, a violência e o abandono.

**Palavras-chave:** Chico Buarque, infância, infortúnios, pobreza

**Abstract:** The repertoire of the Chico Buarque presents a considerable number of songs that deal with children's universe, material yet little studied in a systematic way by the composer's critical fortune. In addition to his musical compositions, the author arrived in the years 1970, to adapt the music of Sergio Bardotti *Os Saltimbancos*, and Luis Bacalov, inspired by *The musicians of Bremen*, the Brothers Grimm; wrote a book aimed at *Chapeuzinho Amarelo*, direct reference to the fairy tale little *Red Riding Hood*. Also composed, along with Edu Lobo, the children's musical *O grande circo místico*, based on the poem of the same name by Jorge de Lima. As part of your musical repertoire, that interests us in particular, it is possible, in many of his compositions, the infant universe in two propositions. In the first case, there is a strong brand in the universe of fantasy and dream, in which childhood is seen as a *locus amoenus*, a kind of paradise lost. As we can see, for example, on the songs “Até pensei”; “João e Maria”; “Maninha”; “Doze anos”; “Massarandupió”. In contrast to this proposition, in the presence of the composer's work through its childhood adversity and violence. As we can see in songs such as: “Pivete”; “O meu guri”; “Minha história”; “Brejo da cruz” and

“Carioca”. In this communication, we stop our efforts in the analyses of the songs belonging to this second proposition, in order to clarify how Chico Buarque represents the children’s world in your misfortunes: poverty, violence and abandonment

**Keywords:** Chico Buarque, childhood, misfortunes, poverty

O cancionero de Chico Buarque apresenta um número considerável de canções que tratam do universo infantil, material ainda pouco estudado, de maneira sistemática, pela fortuna crítica do compositor, que se revelam em essência em duas proposições. No primeiro caso, há uma forte marca do universo da fantasia e do sonho, no qual a infância é vista como um *locus amoenus*, uma espécie de paraíso perdido. São exemplares as canções: “João e Maria”, “Até pensei”, “Maninha”, “Doze anos”, “Massarandupió”, etc.

Em contraste à esta proposição, nota-se na obra do compositor a presença da infância por meio dos seus infortúnios, a pobreza e o abandono. O compositor irá relacionar o tema da infância à questão da pobreza e do abandono em que muitas crianças se encontram em nosso país. São exemplares as canções: “Pivete”, “O meu guri”, “Minha história” – versão do compositor, “Brejo da Cruz”, “Carioca”, etc. Propomos, nesse texto, nos deter nessa segunda proposição.

Vejamos como isso ocorre em “Pivete”, do álbum *Chico Buarque*, de 1978. “Pivete”, nome coloquial ou gíria utilizada para designar o menino de rua, dá o título à canção, na qual vemos descrita a vida de um menor abandonado. No início da canção, os meninos saem de casa para, no sinal fechado, venderem chicletes e limparem ou cuidarem de carros, generalizados pelo nome “Pelé” – que, entre nós, é costume chamar qualquer menino ou qualquer pessoa negra por analogia ao nosso grande jogador de futebol. A partir da saída de casa, a criança está sujeita a todas consequências provindas de sua inserção na metrópole. O pivete, que anteriormente trabalha para conseguir dinheiro, se arma com um canivete e passa a assaltar os transeuntes. O menino que ia para rua trabalhar se transforma em um bandido, um pequeno assaltante, para conseguir dinheiro para comprar maconha e cocaína no Morro do Borel. Após usufruir dos prazeres propiciados pela droga, (uma espécie de

anestésico do cotidiano duro e massacrante no qual a criança transformada em adolescente vive), o menino pode sonhar com uma garota, com a vida na praia como os surfistas. Com o êxtase da droga dorme bem, “gente fina”; após seu feito, acorda mal, “pinel”.

Após acordar, o pivete tem que retornar à sua vida real e, como uma espécie de eterno retorno, tem que conseguir sobreviver através de seus furtos, progressivamente. Novamente, ele é relacionado a outro grande jogador de futebol brasileiro, Mané Garrincha, sugerindo que uma possível habilidade do menino é desperdiçada pela falta de condições para desenvolver seu talento para o esporte – aqui especificamente o futebol. Essa energia é canalizada para o crime.

Os roubos progressivamente mais violentos são relacionados ao crescimento do pivete, que não é ainda um adulto – é o caso de se perguntar como uma criança envolvida neste contexto de marginalidade e subnutrição conseguiria chegar à idade adulta. Mas com uma vida tão intensa – agindo como um adulto que tem que se sustentar – há o amadurecimento acelerado. O pivete transforma-se em um bandido profissional, rouba carros e se chama “Emersão”, aumentativo de Emerson – alusão ao automobilista Emerson Fittipaldi e também uma possível transformação deste nome próprio pelo linguajar popular. Sem direção certa tanto na vida quanto nas ruas, ele está perdido. Segue diversas ruas do Rio de Janeiro sem freio e direção: “Não se liga em freio/ Nem direção”. Assim se constitui a vida da criança de rua, numa progressão de papéis que vai do vendedor de chiclete ao flanelinha, do trombadinha ao bandido, construído por meio de uma situação de vulnerabilidade e abandono sociais.

Outra canção de Chico que trata do mesmo tema de “Pivete” é “O meu guri”, do álbum *Almanaque*, de 1981. Nessa canção, no entanto, a condição precária do pivete ou do menino de rua chega ao extremo, isto é, à morte. Nesse caso, “O meu guri” pode ser lida como uma canção que completa o ciclo de “Pivete”, que leva o menor de rua a seu abandono maior, a morte.

“O meu guri”, como “Pivete”, narra a “história” de um menino que vive de expedientes ilícitos. No entanto, a primeira se distingue da segunda por haver uma relação familiar entre o menino e sua mãe, relação que comumente não costuma existir entre menores infratores que vivem pelas ruas. Se em “Pivete”, o abandono era também familiar; aqui, há a encenação de uma família carente, representada pela figura materna, já na primeira estrofe da canção: o guri nasce prematuro, passa fome, não tem identidade e nem filiação paterna.

O garoto desce o Morro para ir à cidade para roubar e sustentar a família, formada apenas por ele e pela mãe. O sujeito lírico da canção é a mãe do garoto, figura tão marginalizada e desamparada quanto a criança. Para Menezes, a canção Chico “desvenda o desamparo feminino e a procura de proteção que, paradoxalmente, por vezes, a maternidade mascara [...] E mostra igualmente, com insistência, o engano materno relativamente às provas inegáveis da atividade do filho trombadinha. (MENEZES, 2013, p. 28): “Como fui levando, não sei lhe explicar / Fui assim levando ele a me levar”; “Eu consolo ele/ Ele me consola/ Boto ele no colo pra ele me ninar”. A mãe, nesse caso, “também ela é órfã carente, filha de uma sociedade e de um sistema político-social que já morreram e nem sabem.” (CARVALHO, 1984, p. 119).

O tema principal da canção é a relação fraterno-amorosa da mãe com o filho, e o cuidado e proteção que esta tenta ofertar. A relação entre mãe e filho se dá também de maneira contrária, na medida em que vemos o menino confortando e protegendo a mãe. É notável também o contorno social da canção de Chico no final trágico dado à personagem infantil: sua morte pela polícia. Mesmo com a ingenuidade da mãe ao falar de seu filho, vemos que, após a trajetória curta de um criminoso, ele ainda é uma criança: “Chega estampado, manchete, retrato/ com vendas nos olhos, legenda e as iniciais/ Eu não entendo essa gente, seu moço/ Fazendo alvoroço demais/ O guri no mato, acho que tá rindo/ Acho que tá lindo de papo pro ar”. Esses versos representam a imagem da criança morta (“De papo pro ar”), com o agravante de estar localizada no mato, lugar de desova de marginais mortos pela polícia

ou por grupos de extermínio. Como se pode ver no álbum *Almanaque*, após a letra da canção aparece um desenho de uma ossada.

Um fato importante em “O meu guri” é que o menino de rua, normalmente visto como um ser desprovido de sentimento, é apresentado como alguém sensível e amoroso, que consola e presenteia a sua mãe, dando-lhe inclusive um meio de identificação, rompendo a imagem pejorativa e desumana que caracteriza o menor infrator.

Em “Brejo da cruz”, do álbum *Chico Buarque*, de 1984, o compositor utiliza das representações anteriormente comentadas; no entanto, a criança desvalida representa uma coletividade: “Mas há milhões desses seres/ Que se disfarçam tão bem/ Que ninguém pergunta/ De onde essa gente vem”. É bem provável que Chico Buarque esteja representando o momento dos anos da década de 1980 e 1990, em que ocorre o inchaço das ruas das grandes cidades do Brasil de crianças de rua, fugindo da miséria e da violência doméstica, reencontrada novamente nas ruas.

Há, nesta canção, a presença do espaço social da rodoviária, que encena a representação da migração dos nordestinos fugidos da pobreza para o sudeste do país. Este espaço também revela o trânsito do mundo da infância para o mundo adulto, por meio da observação dos meninos drogados, da vida dos migrantes sobreviventes e entregues a profissões pouco valorizadas e a subempregos: jardineiros, passageiros, bombeiros, babás, faxineiros, pedreiros, bilheteiras, baleiros e garçons. O município de Brejo da Cruz, pertencente ao Estado da Paraíba, metonímia da origem dos migrantes, já não é mais lembrada por seus habitantes, imersos em suas vidas corridas e trabalhosas na cidade grande: “Já nem se lembram/ Que existe um Brejo da Cruz/ Que eram crianças/ E que comiam luz”.

Portanto, o eu lírico, que funciona, na canção, como um observador da vida desses seres “que comiam luz”, está evidenciando a perda da origem e da identidade dessas pessoas devido ao massacre social do indivíduo, que o torna invisível. A carência é tanta que se perde até mesmo a identidade, da mesma

forma que a mãe de “O meu guri” não tem também a sua: “Um lenço e uma penca de documentos/ Pra finalmente eu me identificar, olha aí”.

Essa construção da figura infantil marginal pode ser vista também em “Minha história” (*Gesubambino*), do álbum *Construção*, de 1971, canção de Dalla e Pallottino que Chico Buarque traduziu do italiano.<sup>1</sup> Na canção, o tema da infância se encontra valorizado em seu grau máximo. O eu lírico da canção narra sua própria história, de sua infância à vida adulta. A narrativa vai colocar a criança, vinda da mais baixa condição social e moral, e transpô-la para a mais alta dignidade possível dentro do contexto cristão ocidental. Esta criança, filha de uma prostituta, alcança o *status* de menino Jesus – já que é dado este nome à criança –, símbolo da mais alta nobreza que o homem já pode chegar: ser filho de Deus.

Chico Buarque eleva o mais baixo, representado aqui pela figura da criança gerada por uma prostituta, ao mais elevado grau de dignidade e nobreza. Mesmo que esta canção não tenha sido escrita por Chico, o fato dele ter feito sua versão mostra a grande identificação do compositor com ela, acoplando-a a seu cancionero e, portanto, reforçando o grau de cumplicidade.

Essa criança vive em um meio altamente marginalizado, tanto social quanto moralmente, em meio às prostitutas, ladrões, etc. Enfim, no meio das pessoas mais desqualificadas socialmente. Esse comportamento é valorizado e dignificado na canção que rompe com a moral vigente, que vê estas pessoas como más companhias de forma preconceituosa e excludente. Chico Buarque volta ao sentido primeiro do cristianismo, no qual a solidariedade e o respeito e a própria vida das pessoas simples são valorizadas, e a estas é garantido o reino do céu.

Em “Carioca”, canção do álbum *As cidades*, de 1998, Chico apresenta, agora, a infância desprotegida por meio de uma personagem feminina.

A canção narra o dia a dia da região central das ruas da cidade do Rio de Janeiro, no Largo da Carioca. A agitação da cidade é dada por três

---

<sup>1</sup> “O original de Della e Pallottino tinha o subtítulo de ‘O filho da guerra’, que é como são conhecidas as crianças nascidas de mães solteiras italianas com soldados estrangeiros. [...] A implicante e implacável censura não gostou do título ‘Menino Jesus’, e o autor o substituiu por ‘minha história’”. (HOMEM, 2009, p. 89)

aspectos principais: o movimento do comércio e do lazer (“Gostosa/ Quentinha/ Tapioca/ O pregão abre o dia/ Hoje tem baile funk/ Tem samba no Flamengo”); a pregação religiosa (“O reverendo/ No palanque lendo/ O Apocalipse”) e a expressão da natureza (“O homem da Gávea criou asas/ Vadia/ Gaivota/ Sobrevoa a tardinha/ E a neblina da ganja”).

No término da canção, a noite cai e um novo mundo se revela, o mundo da prostituição, por meio da figura de uma menina que se vende nas ruas de Copacabana (bairro turístico da cidade, profícuo em guetos de prostituição). Comparada a mercadorias vendidas pelos migrantes nordestinos do centro da cidade, a venda do sexo feminino infantil é como a da tapioca (“gostosa” e “quentinha”), anunciando o pregão noturno que se inicia (com a repetição do início da canção), dando um aspecto de circularidade da canção, temporalmente marcada pelo dia e pela noite, no Largo da Carioca.

Como um comerciante da rua, o eu lírico anuncia as mercadorias, as meninas que se vendem pelas ruas, transformadas em mercadorias baratas. Estas pequenas prostitutas (“meninas”) revelam o roubo da infância pela necessidade de sobrevivência na precoce atividade sexual, como revela a metonímia de menina representada pelos seus “peitinhos de pitomba”.

A criança em grande parte de nossa história foi considerada inferior, débil, fraca, imperfeita. Chico Buarque rompe com este ponto de vista preponderante da nossa sociedade, até nos nossos dias, o do adulto, do branco, do civilizado, que reduz à sua própria realidade a realidade dos outros.

Revelando um lado contrário ao lúdico característico da infância, na qual ela ocupa um lugar de descaso e abandono, nas canções comentadas, o que se vê é o abuso do mundo infantil, que precisa amadurecer para sua sobrevivência, por meio de sua inserção no mundo marginal, seja roubando, seja se prostituindo, ou no subemprego alienante, que faz o indivíduo perder sua própria identidade. Nesse mundo infantil desprotegido, os sonhos são permitidos apenas em meio a alucinações momentâneas, proporcionadas por drogas, ou através do olhar ingênuo da mãe.

O que observamos na obra do compositor é a negação, com extrema sensibilidade poética, de uma concepção que considera a criança um modelo reduzido do homem, que deve ser ajustado o mais rápido possível às normas do mundo adulto. Muito pelo contrário, Chico Buarque valorizará a criança e o seu mundo e a utilizará como matéria, com sua multiplicidade de possibilidades imaginativas, como parte integrante da construção de suas composições musicais, enriquecendo liricamente seus trabalhos a partir de elementos retirados do mundo infantil.

## Referências

CARVALHO, Gilberto de. **Chico Buarque**: análise poético-musical. Rio de Janeiro, Codecri, 1984.

CAVALCANTI, Luciano Marcos Dias. **Música popular Brasileira e Poesia**: a valorização do “pequeno” em Chico Buarque e Manuel Bandeira. Belém: Paka-Tatu, 2007.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chico Buarque**: letra e música. (Humberto Werneck, org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Songbook)

HOMEM, Wagner. **História de canções** – Chico Buarque. São Paulo, Leya, 2009.

MENEZES, Adélia Bezerra de. **Desenho mágico**: poesia e política em Chico Buarque. São Paulo: Ed. Hucitec, 1987.

MENEZES, Adélia Bezerra de. Dois guris – ou a maternidade ferida. In: FERNANDES, Rinaldo de (Org.). **Chico Buarque**: o poeta das mulheres, dos desvalidos e dos perseguidos. São Paulo: Leya, 2013.

*SITE OFICIAL* de **Chico Buarque** < [www.chicobuarque.com.br](http://www.chicobuarque.com.br) > Acesso em: 29-05-2018.